

5 A ARTE COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA MENORES CARENTES.

*Sonia Regina Albano de Lima*¹
*Claudio Picollo*²

RESUMO: O texto propõe, ao lado dos processos de ensino e aprendizagem, a prática e o ensino das Artes para menores carentes, como uma das possibilidades de contribuir sensivelmente no seu desenvolvimento psíquico e social, considerando-se a subjetividade que envolve as linguagens artísticas. Essas auxiliam os indivíduos, em especial os menores carentes, a se reencontrarem com sua essência psíquica, sem que para isso tenham que se expressar verbalmente, auxiliando em muito o seu desenvolvimento integral. A fundamentação teórica está embasada em publicações do pesquisador H. Gardner e Marco Antonio Moreira.

Palavras chave: menores carentes, ensino artístico, desenvolvimento humano.

ABSTRACT: Along with the teaching and learning processes, the text proposes the practice and the teaching of Arts to underprivileged children, as one of the possibilities of greatly contributing to their psychological and social development, taking into consideration the subjectivity which involves the artistic languages. These languages help the individuals, especially the underprivileged children, to re-encounter their psychic essence, without having to express themselves verbally, greatly helping their full development. The theoretical foundation is based on publications by the researcher H. Gardner and by Marco Antonio Moreira.

Keywords: underprivileged children, artistic teaching, human development.

¹ **Sonia Regina Albano de Lima:** Professora do curso de pós-graduação em música do IA-UNESP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade- GEPI do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Doutora em Comunicação e Semiótica, área de Artes - PUC-SP. Pós-Doutora em Educação pelo GEPI-PUC-SP, sob a orientação da Prof. Dr. Ivani Fazenda. Especialista em interpretação musical e música de câmara com o Prof. Walter Bianchi (FMCG). Bacharel em Direito (USP). Foi diretora e coordenadora pedagógica da Faculdade de Música Carlos Gomes e da Escola Municipal de Música. Possui diversos trabalhos publicados na área de educação musical, interdisciplinaridade e performance.

² **Claudio Picollo:** Professor da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes –FAFLICA. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade- GEPI do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Doutor em Educação: Currículo, linha Interdisciplinaridade – PUCSP. Pós-doutor em Educação pelo GEPI-PUCSP, sob a orientação da Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda. Licenciado em Português, Inglês e Latim pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento da PUCSP. Formado pela Escola de Música de Madalena Lébeis – música de câmara e História da Música pelo crítico de arte José da Veiga Oliveira.

Muito nos sensibiliza presenciar nas ruas e nos faróis, crianças pedindo esmolas, adolescentes jogando malabares e senhoras grávidas usando seus filhos como pedintes ou vendedores ambulantes, oferecendo aos motoristas, flores, guloseimas, capas para telefones, guarda-chuvas, etc. Os objetos variam de acordo com a ocasião. Na época de Carnaval, adereços, máscaras, confete, serpentina; no Natal, a figura do bom velhinho; na Páscoa, ovos e outras guloseimas. Temos ainda as crianças doentes, algumas sem alguns dos membros, ou com o corpo cheio de feridas, pedindo encarecidamente por um dinheiro para poderem se alimentar. Há também aqueles que assaltam motoristas e transeuntes para furtar bolsas e demais pertences, quando não, são vítimas do tráfico de drogas, da pedofilia, das gangues de assaltantes, entrando muito cedo para o mundo do crime.

Esses fatos nos aviltam e nos comovem, pois neles está presente a fragilidade da nossa sociedade para administrar ou pelo menos atenuar os problemas dessa população carente e desassistida. Muitas vezes nos perguntamos: O que fazer? Como mudar essa realidade? Os questionamentos são infinitos e as respostas parecem sucumbir ao vento. A cada dia aumenta vertiginosamente o número de menores não assistidos e menores infratores. ONGs, medidas sócio-políticas, a Fundação Casa e outras instituições tentam minimizar essa triste realidade, mesmo assim, essa ferida social se alastra e consome uma fatia da tão almejada paz social a que todos os indivíduos têm direito, principalmente esses menores, que representam uma parcela considerável da nossa futura sociedade produtiva. Se cada setor da sociedade procurasse solucionar parte dessa problemática, o cancro social poderia ser minimizado.

Aos professores e filiados da educação caberia tão somente propiciar a esses jovens, um ensino mais significativo, mais integrado com a realidade social. Essa medida agregada a outras tantas, seria uma das atenuantes da grave situação político-social instaurada em nossa sociedade. Medidas de assistência à saúde, à habitação, à família, são prioritárias, no entanto, a educação, apesar de produzir benefícios mais tardios, pode, em longo prazo, trazer soluções mais satisfatórias para o desenvolvimento psíquico, racional, social, espiritual, ético e profissional dos jovens. Só a educação possibilita a formação de um indivíduo mais reflexivo, capaz de reavaliar e reelaborar suas atitudes, codificar e decodificar o conhecimento. Um ensino eficiente é aquele em que o aluno cria com o saber uma relação de autêntica convivência, de prazer, de entrega, convivência e criatividade. Para Gusdorf (1995) o saber deve ser uma forma essencial de experiência vivida e o aluno, na apreensão do conhecimento, pode obter o seu sentido de vida maior e a sua própria evolução como ser humano.

Sabemos que o ensino se realiza nas mais diversas interconexões sgnicas, psíquicas e cognitivas. A complexidade do pensamento humano conectada a uma determinada cultura, às práticas cotidianas diversas, aos inúmeros processos de ensino/aprendizagem, possibilita diversas modalidades de ação nesse campo. Essas interconexões quando bem direcionadas são capazes de formar um repertório de signos significativos para o indivíduo que o acompanhará por toda sua existência. Embora o conhecimento não se componha apenas de representações significativas, são elas que proporcionam ao indivíduo um aprendizado mais duradouro e prazeroso. O desenvolvimento cognitivo é um processo dinâmico, onde novos e

velhos significados interagem constantemente, proporcionando e projetando uma estrutura cognitiva cada vez mais organizada e sofisticada, em uma estrutura hierárquica encabeçada por conceitos e proposições mais gerais, seguidos de conceitos menos inclusivos até alcançar dados e exemplos mais específicos. (MOREIRA, 2006, p.40).

Partindo desses pressupostos, é importante que o ensino esteja devidamente habilitado para propiciar aos seus aprendizes a obtenção de um repertório educativo operacionalizado nas diversas formas de linguagens, inclusive as artísticas. As linguagens se constituem de códigos, cada código utiliza um conjunto de regras que compõe sua especificidade. Assim, temos linguagens artísticas (dança, música, artes plásticas, etc), linguagens analógicas (as linguagens orientais em geral), linguagens analíticas (linguagem ocidental) e outras tantas formas. É no trânsito entre elas que encontramos a riqueza cognitiva.

Temos saberes armazenados em nossa memória, mas, também temos o potencial de selecionar e combinar o imprevisível. Depende exclusivamente da nossa capacidade e dos estímulos recebidos, saber transformar esse real em realidade, e organizá-los em linguagens diversificadas. Essas operações mentais são possíveis graças ao livre trânsito entre um código e outro, entre interpretantes e entre repertórios. Dessa maneira, quanto mais significativas forem as nossas representações, maior o acesso aos vários códigos.

Inúmeros pesquisadores têm apontado o quanto é ineficaz um aprendizado que se produz de forma mecânica, fragmentada. Atualmente espera-se muito mais do ensino. Como nos diz Lima (2009, p.94): “o professor ao transmitir seus conhecimentos, deve fazê-lo de forma significativa, pois o que está em jogo não é a simples transmissão de saberes, mas, a busca pelo desenvolvimento integral da personalidade humana do aluno e o respeito à sua individualidade”. Pautados nessa realidade, o ensino das artes pode contribuir sensivelmente nos processos de ensino/aprendizagem, pois contem bases de ação subjetivas que auxiliam os indivíduos a se reencontrarem com a sua essência psíquica, com suas emoções, sem que para isso tenham que se expressar verbalmente. As representações provindas da produção artísticas não precisam ser explicadas, avaliadas, julgadas. Elas simplesmente existem e produzem no indivíduo a catarse necessária ao seu desenvolvimento humano.

Para Gardner (1997) a linguagem artística passa necessariamente por um crivo subjetivo e afetivo - fatores primordiais para o desenvolvimento humano:

Apesar de a personalidade humana variar acentuadamente através das culturas e de o pensamento científico diferir em *status* e sofisticação em várias regiões, as artes aparecem em formas aproximadamente comparáveis em todas as civilizações conhecida e, portanto, são pertinentes para o desenvolvimento humano no mundo todo. [...] Mesmo que exista o fazer, o perceber, o sentir e o uso do símbolo nas ciências, esses aspectos são mais totalmente realizados e integrados nas artes pelos criadores, intérpretes e membros da audiência, do que pelos pesquisadores, teóricos e estudantes nas ciências. Em certo sentido, então, estou escrevendo sobre as artes, porque elas me permitem expressar mais

adequadamente minhas noções sobre o desenvolvimento. (GARDNER, 1997, p. 47-8).

Para esse pesquisador, o ensino das artes auxilia os indivíduos a compreender e se comunicar com o mundo sob uma perspectiva estética, simbólica e subjetiva:

Já que as artes envolvem comunicação entre sujeitos, os seres humanos precisam estar envolvidos no processo artístico. Uma visão da natureza não deve ser considerada como artística, mas uma representação dela pode [...] as primeiras tentativas de uma criança com um lápis ou pincel, ou os respingos de um pintor de ação podem ser estéticos, já que essas atividades tipicamente envolvem um desejo por parte de um sujeito de comunicar algum tipo de conhecimento ou entendimento a outro [...] Um padrão aleatoriamente produzido pode ser considerado belo, mas não funcionará como um objeto estético, a menos que um impulso comunicativo o tenha estimulado [...] o trabalho de arte contém numerosas implicações, e cabe ao percebedor deduzir esses significados, independentemente daqueles que o artista pretendia comunicar. (GARDNER, 1997, p. 54).

Gardner (1997) admite que, diferentemente das ciências, a produção artística se apresenta em um meio sensório. Ela se forma a partir de imagens sensoriais e não por um corpo de informações que se acumula no decorrer dos tempos. Os cientistas buscam uma explicação do mundo, os artistas buscam recriar, comentar ou reagir aos aspectos do mundo ou facetas da experiência subjetiva, vivificando-os para uma audiência em vez de reduzi-los a seus fundamentos:

Aspectos da vida que parecem inexplicáveis ou inefáveis para os cientistas dominam a esfera estética. Consistentemente com esta diferença de ênfase, as artes tendem a se preocupar mais com os sentimentos e pensamentos dos indivíduos do que com o mundo dos objetos, enquanto a ciência tem sido notavelmente mais preocupada e bem-sucedida neste último domínio [...] Nas artes, todavia, é feita uma tentativa de comunicar aspectos subjetivos da vida, através da criação de um objeto capaz de capturar esses fatores subjetivos. (GARDNER, 1997, p 57).

Para participar inteiramente do processo artístico, a pessoa precisa ser capaz de corporificar em um objeto estético um conhecimento ou entendimento significativo da sua própria existência. Dessa forma, Gardner (1997) sugere que essa visão das artes, concentrando fatores subjetivos e objetivos, tende a transcender a distinção entre afeto e cognição, entre sentimentos e pensamento, ou seja, as artes são apreendidas pelo intelecto, mas elas também provocam respostas afetivas e sentimentos diversos no indivíduo.

Aqui está a importância de um aprendizado artístico. Um desenvolvimento artístico adequado pode fazer aflorar no indivíduo, inúmeros estágios psíquicos e cognitivos ideais para o seu aprimoramento. Gardner (1997) utiliza os termos afeto, sentimento ou emoção para se referir a qualquer experiência subjetiva, geral ou específica, sentida por um indivíduo. Para ele, os indivíduos são profundamente afetados pelos trabalhos artísticos. Experienciando sentimentos durante a sua vida perceptual e produtiva, essas experiências influem sobre os atos e discriminações estéticas.

Gardner (1994) admite que o grande desafio para a educação artística está em modular de maneira eficaz os valores da cultura; os meios disponíveis para a educação nas artes e sua avaliação e, os perfis individuais e de desenvolvimento dos estudantes que serão ensinados. Não existiria proposta de ensino artístico mais interdisciplinar. Esse modelo de educação artística respeita os valores sócio-culturais dos indivíduos, adequando-os melhor ao convívio social; auxilia-os no desenvolvimento de suas personalidades; promove inter-relações entre os vários códigos linguísticos; libera estados emocionais que a linguagem verbal não é capaz de expressar; não elitiza o ensino artístico, democratizando-o entre todos; promove um diálogo silencioso do indivíduo com o objeto artístico e com o mundo que o cerca. As inclinações e propensões artísticas dos indivíduos quando encontram ambientes escolares propícios e ambientes sociais adequados têm maior possibilidade de desenvolvimento. Isso permite uma ação docente mais ampla que pode estar presente em várias camadas da sociedade.

Para Gardner (1997), as emoções nas artes têm um valor cognitivo e guiam o indivíduo na elaboração de determinadas distinções, no reconhecimento das afinidades, na construção de expectativas e tensões que logo se solucionam:

Sin embargo, la habilidad artística humana se enfoca primero y ante todo como una actividad de la mente, como una actividad que involucra el uso y la transformación de diversas clases de símbolos y de sistemas de símbolos. Los individuos que quieren participar de un modo significativa en la percepción artística tienen que aprender a descodificar, a “leer”, los diversos vehículos simbólicos presentes en su cultura; los individuos que quieren participar en la creación artística tienen que aprender de qué modo manipular, de qué modo “escribir con” las diversas formas simbólicas presentes en su cultura; y, por último, los individuos que quieren comprometerse plenamente en el ámbito artístico tienen que hacerse también con el dominio de determinados conceptos artísticos fundamentales. (GARDNER, 1997, p. 30).

Por isso é que para esse pesquisador, o ensino artístico deve receber o mesmo tratamento docente reservado às outras áreas de conhecimento. Gardner (1994) põe em xeque a ideia cristalizada de que os sistemas simbólicos ‘lógico-matemático e linguístico’ formam o eixo principal de qualquer outro sistema de comunicação. Para ele, a educação artística é um campo propício para o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas diferentes do lógico-matemático e da linguística e muito necessária para o desenvolvimento humano, pois atua diretamente no imaginário e nas emoções dos indivíduos. Nesse sentido, o ensino das artes manifesta-se como uma ferramenta eficaz para a educação, principalmente, a de menores carentes, já que permite ao indivíduo expressar seus sentimentos sem perpassar a linguagem verbal. As Artes quando bem direcionadas podem levar o indivíduo a desvelar o seu próprio interior e se reconhecer como tal.

Sendo assim, acreditamos que as oficinas, vivências, workshops, seminários e exposições artísticas, ao lado de uma educação básica, podem promover resultados promissores no desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens, principalmente dos menores carentes, permitindo-lhes um *devenir* mais promissor e feliz. Os educadores devem ter consigo que entre essa população desassistida, jovens e crianças podem encontrar nas atividades artísticas uma nova forma de

vida. Nesse sentido, as ONGs, a Fundação da Casa e outros organismos de extensão educacional, devem buscar essas alternativas de ensino, com o intuito de promover a melhoria nos processos de ensino/aprendizagem.

Contudo, torna-se impossível qualquer tipo de mudança de mentalidade e comportamento desses jovens, se não houver por parte do Estado, um compromisso político-social, no sentido de promover cursos e ações continuadas que permitam a formação profissional de gestores, professores e diretores especializados em lidar com esses jovens, a fim de proporcionar-lhes um ensino que tenha como objetivo principal, o seu desenvolvimento psíquico e mental. Aliás, esse é o sentido maior dos trabalhos de pesquisa e das ações interdisciplinares promovidos pelo GEPI-Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenado pela Profa. Dra. Ivani Fazenda.

REFERENCIAS.

GARDNER, Howard. **Educación artística y desarrollo humano**. Barcelona: Paidós Educador, 1994. (a)

_____. **As artes e o desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIMA, Sonia Albano de (org). Os cursos de formação de docentes e a intrincada relação professor/aluno. IN: LIMA, Sonia Albano de (org) **Ensino, Música & Interdisciplinaridade**. Goiás: Editora Vieira. 2009.

MOREIRA, Marco Antonio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora UnB, 2006.